

REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS

Fabíola da Silva Ferreira

Fabiano Antonio dos Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/ CAMPUS DO PANTANAL-
PPGE/UFMS/CPAN

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas das dimensões da Pedagogia das Competências. Buscamos no decorrer do texto responder aos seguintes questionamentos: o que é a pedagogia das competências? De onde surge? Quais são seus fundamentos. Estes questionamentos são desenvolvidos considerando principalmente o aspecto psicológico da teoria. Nos pautamos, sobretudo, nas produções de Phillipe Perrenoud), considerado um dos grandes divulgadores da perspectiva em escala internacional. A pedagogia das competências compõe o grupo das teorias hegemônicas na atualidade tendo implicações, especialmente, na compreensão da função social da escola de disseminadora dos conhecimentos científicos, sendo uma das consequências da perspectiva a desvalorização dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos produzidos historicamente pela humanidade tornando-os apenas uma ferramenta para desenvolver competências, cuja principal justificativa apresentada pelos intelectuais orgânicos do capital é a necessidade de adaptação ao novo contexto social da era globalizada, cujas transformações são constantes, e nesse sentido trabalhar com competências tem sido divulgado como a melhor opção para lidar com o inesperado e para suprir as novas demandas. A pesquisa foi organizada em duas seções, na qual num primeiro momento apresentamos de forma geral a tendência e logo discutimos sobre a origem da noção de competências em sua dimensão psicológica. Na segunda seção desenvolvemos alguns dos princípios que orientam a teoria. De acordo com as análises feitas compreendemos que a pedagogia das competências mais do que aprender enfatiza a necessidade de aprender a aprender, a capacidade de mobilizar os conhecimentos quando necessário, a potencialidade do indivíduo apresentar uma resposta rápida e eficiente em momentos problemáticos, ensina a ser proativo, a evitar conflitos, a antecipar a avaliar de modo sensato. Deste modo, compreendemos que a pedagogia das competências contribui para constituição da escola muito mais como uma ferramenta social para o adestramento dos alunos do que para formação humana.

Palavras-chave: Pedagogia das Competências; Aprender a Aprender; Educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar uma das tendências dominantes atuais, a Pedagogia das Competências. Esta é uma tendência que há muito vem orientando a formulação de políticas educacionais. Atualmente sua maior expressão encontra-se no documento da Base Nacional Comum Curricular homologada, no dia 20 de dezembro de 2017. A noção de competências é assumida por um documento que serve como orientador na produção dos currículos de todas as escolas do Brasil, tanto públicas como privadas. Deste modo, a perspectiva das competências torna-se uma tendência nacional.

Tal contexto evidencia a necessidade de compreender: o que é a pedagogia das competências? De onde surge? Quais são seus princípios? Entre outras questões. Foi na busca por responder a essas interrogativas que desenvolvemos este trabalho. Deste modo, definimos como objetivo da pesquisa: compreender o que é e quais são os princípios defendidos pela pedagogia das competências.

A pesquisa configura-se como uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes são livros e artigos em sua maioria encontrada em sites acadêmicos de pesquisas: Google Acadêmico e Scielo. A discussão sobre as competências foi realizada com base nas elaborações de Perrenoud (2000; 2001a; 2001b), sendo este um dos principais representantes da tendência. Foi fundamental para a construção da crítica a pedagogia das competências as produções de Saviani (2008); Duarte (2001a; 2001b; 2010), e Ramos (2001; 2003; 2006), principalmente no sentido de compreender os verdadeiros ideais expressos na abordagem.

A pesquisa encontra-se organizada em duas seções, denominadas “A Pedagogia das Competências” e “Princípios da Pedagogia das Competências”. No qual, num primeiro momento apresentamos a pedagogia das competências como componente da “Pedagogia do Aprender a Aprender”. Abordamos sobre a origem da noção de competências relacionando-a com a psicologia do desenvolvimento, tanto em sua vertente condutivista, expressa pelo behaviorismo, como na vertente construtivista, principalmente em sua versão neoconstrutivista, que marca as características atuais da pedagogia das competências, vinculando-a as tendências pós-modernas.

Na segunda seção apresentamos uma discussão sobre os princípios e elementos que estão presentes na pedagogia das competências, baseamo-nos, principalmente nas formulações de Perrenoud.

A PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS

Na atualidade a Pedagogia das Competências compõe um conjunto de pedagogias consideradas hegemônicas (DUARTE, 2010). Nas elaborações de Newton Duarte (2001) a Pedagogia das Competências integra um grupo maior de teorias, denominadas “Pedagogias do Aprender a Aprender”. De acordo com o mesmo, o aprender a aprender tem sua origem no movimento escolanovista e, atualmente, encontra-se expressa em pedagogias como o construtivismo, a pedagogia do professor reflexivo, a pedagogia das competências, a pedagogia dos projetos e a pedagogia multiculturalista (DUARTE, 2001).

Estas, segundo o autor, possuem um caráter pragmático, sendo este um dos princípios comuns entre elas. Duarte (2010a; 2001b) a partir de suas pesquisas identificou quatro

posicionamentos valorativos presentes nessas teorias, são eles: 1) A pedagogia nega a transmissão do conhecimento; 2) Ensinar um método para conhecer é mais importante que transmitir o conhecimento construído historicamente pela humanidade, ou seja, o processo é mais importante que o produto, resultado; 3) O aluno deve decidir o que aprender, a partir de suas necessidades; e por último, 4) Refere-se a capacidade de adaptação à uma sociedade, que está em constante transformação, que é dinâmica. Sendo esses posicionamentos valorativos observados na pedagogia das competências. Saviani (2008) afirma:

[...] “a pedagogia das competências” apresenta-se como outra face da “pedagogia do aprender a aprender”, cujo objetivo é dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis que lhes permitam ajustar-se às condições de uma sociedade em que as próprias necessidades de sobrevivência não estão garantidas. Sua satisfação deixou de ser um compromisso coletivo, ficando sob a responsabilidade dos próprios sujeitos que, segundo a raiz epistemológica dessa palavra, se encontram subjugados à “mão invisível do mercado” (p. 437).

A noção de competências é apresentada por Dias (2010) como:

[...] uma combinação de conhecimentos, motivações, valores e ética, atitudes, emoções, bem como outros componentes de carácter social e comportamental que, em conjunto, podem ser mobilizadas para gerar uma acção eficaz num determinado contexto particular. Permite gerir situações complexas e instáveis que exigem recorrer ao distanciamento, à metacognição, à tomada de decisão, à resolução de problemas. Podemos, pois, afirmar que a competência se caracteriza por ser complexa, projectada no futuro (numa aposta nos poderes do *tornar-se*). Exerce-se em situação, é completa, consciente e transferível para outros contextos (p. 75).

Duas tendências podem ser apontadas como referência na definição da noção de competência em seu aspecto psicológico, uma tendência ligada ao condutivismo e outra ao construtivismo. Dias (2010) afirma que o behaviorismo teve grande influência na definição dos objetivos pedagógicos, principalmente nos anos 1960, estes versavam sobre os comportamentos que deveriam ser desenvolvidos nos alunos, sobre os níveis de desempenho destes e a necessidade de avaliação dos mesmos. Segundo Saviani (2008) foi a partir da matriz behaviorista que a noção de competência foi incorporada as tarefas pedagógicas, sendo estas identificadas aos objetivos operacionais. O autor afirma que “[...] atingir os objetivos especificados, isto é, tornar-se capaz de realizar as operações por eles traduzidas, significava adquirir as competências correspondentes” (SAVIANI, 2008, p. 437). Contudo, aos poucos essa vertente foi sendo superada.

Nas últimas décadas a questão das competências tem se desviado para uma perspectiva cognitivista e construtivista (DIAS, 2010). De acordo com Ramos (2003) na atualidade sua

expressão se dá predominantemente a partir do construtivismo piagetiano, mais expressamente em sua teoria da equilibração. Saviani (2008) declara que

Numa tentativa de superar os limites do condutivismo pela via da psicologia cognitiva, emergiu a teoria construtivista na qual as competências vão identificar-se com os próprios esquemas adaptativos construídos pelos sujeitos na interação com o ambiente num processo, segundo Piaget, de equilibração e acomodação (p. 437).

De acordo com Ramozzi-Chiarottino (1984 apud SAVIANI, 2008, p. 434) Piaget partindo da biologia e fundamentando-se num “kantismo evolutivo” elabora uma teoria do conhecimento tendo por base a ação, entendida como ponto de partida para a construção do conhecimento. O modelo biológico utilizado por Piaget baseia-se na relação entre o sujeito e o ambiente, na qual o sujeito sempre se orienta pela busca de equilíbrio.

Segundo Ramos (2003) o processo de construção do conhecimento em Piaget inicia-se a partir de uma situação de desequilíbrio, isto é, o sujeito ao se deparar com questões ou situações problemáticas e desafiadoras, busca a partir da reorganização do seu pensamento, desenvolver estratégias para a superação da situação, e ao reorganizar o seu pensamento, o desenvolve em um nível superior ao que se encontrava anteriormente, contribuindo para o surgimento de novas estruturas mentais, e esquemas de pensamentos mais complexos. A equilibração de acordo com a teoria de Piaget se constrói progressivamente na articulação entre dois elementos, a assimilação e a acomodação, como podemos observar em Malglaive (1995 apud RAMOS, 2003, p. 112-113):

De acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de estruturas precedentes. Ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio. Essas construções seguem um padrão definido por Piaget como estágios relativos a idades mais ou menos determinadas¹. Pela teoria de Piaget, a construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações físicas ou mentais sobre objetos que, provocando o desequilíbrio, resultam na construção de esquemas ou conhecimentos. Os esquemas podem ser compreendidos como estruturas que se modificam com o desenvolvimento mental e que se tornam cada vez mais refinadas à medida que a criança torna-se mais apta a generalizar os estímulos. Por este motivo, os esquemas cognitivos do adulto são derivados dos esquemas sensório-motores da

¹ Os estágios mencionados pelo autor contempla quatro fases e expressam mudanças significativas no processo cognitivo, são elas: fase sensório motora (até dois anos), neste estágio a relação com a realidade ocorre por meio dos sentidos e com ações físicas; fase pré-operatória (até 7 ou 8 anos) e operatória concreta (termina por volta dos doze anos), quando através da linguagem há a possibilidade de progredir na forma de compreender e intervir na realidade, nesta fase as crianças realizam operações mentais sobre as realidades concretas, e por último o autor apresenta a fase lógico-formal, que se inicia com a superação da fase anterior, nesta fase as crianças são capazes de operar com conceitos abstratos e a utilizar a forma hipotética-dedutiva no raciocínio (MALGLAIVE, 1995 e SANTOMÉ, 1998 apud. RAMOS, 2006).

criança e os processos responsáveis por essas mudanças nas estruturas cognitivas são assimilação e acomodação.

De acordo com Duarte (2001, s/p) o “desenvolvimento mental aparecerá, então, em sua organização progressiva como uma adaptação sempre mais precisa à realidade”. E “as competências seriam as estruturas ou os esquemas mentais responsáveis pela interação dinâmica entre os saberes prévios do indivíduo – construídos mediante as experiências – e os saberes formalizados” (RAMOS, 2003, p. 98). Assim, conforme Alves (2005 apud DIAS, 2010, p. 76)

A escola que sustenta a sua ação numa abordagem baseada nas competências defende a integração, pelo indivíduo, dos saberes (saberes teóricos e práticos), do saber-fazer e das atitudes necessárias ao acompanhamento das tarefas. “[...] É, assim, justo ligar esta abordagem à corrente construtivista segundo a qual o conhecimento se constrói pela interação do indivíduo com o seu meio”.

Contudo, segundo Ramos (2003; DUARTE, 2001; SAVIANI, 2008) o que se observa na atualidade é uma nova versão da teoria construtivista dando suporte a noção de competências. Saviani (2008) denomina esta nova versão de neoconstrutivismo, cujas configurações atuais identificam com as ideias pós-modernas. A principal característica do neoconstrutivismo é a descrença nos “metarrelatos” (SAVIANI, 2008, p.436). Segundo o mesmo, esta tendência busca quebrar com a crença da modernidade de que o conhecimento é a representação da realidade concreta (SAVIANI, 2008; RAMOS, 2006; 2003, DUARTE, 2001). Tornando-o, deste modo, muito relativo.

Um exemplo desta nova configuração do construtivismo pode ser identificado na interpretação em que GLASERSFELD (1998) faz da obra de Piaget, mais especificamente na forma como este compreende o conhecimento:

A idéia-chave que separa o construtivismo de outras teorias da cognição foi lançada há aproximadamente 60 anos por Jean Piaget. Trata-se da idéia de que o que chamamos de conhecimento não tem, e não pode ter, o propósito de produzir representações de uma realidade independente, mas antes tem uma função adaptativa. Esta mudança na avaliação da atividade cognitiva acarreta um irrevogável rompimento com a tradição epistemológica geralmente aceita na civilização ocidental, de acordo com a qual o conhecedor deve se esforçar para atingir uma visão do mundo real. Embora neste século as revoluções nas ciências físicas tenham conduzido à aceitação de que tal visão parece impossível, mesmo de acordo com a teoria física, a maioria dos filósofos atem-se à crença de que o progresso da ciência, de alguma forma, conduzirá a uma aproximação da verdade definitiva “[VON GLASERSFELD, 1998 apud DUARTE, 2001, s/p).

A partir desta perspectiva, o conhecimento compreendido apenas como instrumento para a adaptação ao meio, perde o seu caráter de verdade, conservando-se apenas o caráter de ser útil ou não, adquirindo um sentido extremamente pragmático.

Saviani (2008) usando das contribuições de Chiarottino (1984 apud SAVIANI, 2008, p. 436) afirma:

A retórica neoconstrutivista “funciona como um filme em câmera lenta que representaria uma imagem imóvel depois da outra, em vez de chegar a uma fusão de imagem”; “tende ao êxito e não à verdade: encontra sua satisfação na conquista do fim prático perseguido e não na construção ou na explicação”. É “puramente vivida e não pensada ou representada de forma organizada”; “ela só trabalha sobre as realidades, os índices perceptivos e os sinais motores, e não sobre os signos, os símbolos e os esquemas representativos ou os conceitos verdadeiros que implicam inclusão de classes e relações”; “ela é essencialmente individual, por oposição aos enriquecimentos sociais adquiridos graças ao emprego dos signos”.

De acordo com Saviani (2008) esta concepção encontra seus desdobramentos em tendências como a teoria do professor reflexivo e a pedagogia das competências, sendo esta última a que nos interessa no momento. Desde modo, Saviani (2008) afirma “o neoconstrutivismo funde-se com o neopragmatismo e as competências resultam assimiladas aos ‘mecanismo adaptativos do comportamento humano ao meio social’” (RAMOS, 2003 apud SAVIANI, 2008, p. 437). Sendo essas características observadas a seguir.

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS

O suíço, Phillipe Perrenoud² é um dos principais representantes da Pedagogia das Competências, este tem suas obras divulgadas em grande escala, sendo também referência aqui no Brasil. Na definição de Perrenoud (1999a, s/p) competência é compreendida como:

[...] uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos (PERRENOUD, 1999a, s/p).

Perrenoud (1999a, s/p) propõe a pedagogia das competências como “uma possível resposta à crise da escola” que por muito tempo tem estabelecido como função fundamental a transmissão de conhecimentos que, na visão do autor, terminam por não ter um valor útil na vida do sujeito.

Perrenoud (1999b) questiona que tirando a validade de disciplinas e conhecimentos

² Informações retiradas da página do Laboratoire Innovation, Formation, Éducation (LIFE). Disponível em: <<https://www.unige.ch/fapse/life/equipe/philippe-perrenoud/>>. Acesso: 24/01/2018.

fundamentais como as matemáticas e as línguas, que teriam utilidade em inúmeras profissões, além de outros usos, “de que lhes servirão os outros conhecimentos acumulados durante sua escolaridade, se não aprenderam a utilizá-los para resolver problemas?”. O autor continua:

Pode-se responder que a escola é um lugar onde todos acumulam os conhecimentos de que *alguns necessitarão* mais tarde, em função de sua orientação. Para contrabalançar, evocar-se-á a cultura geral da qual ninguém deve ser excluído e a necessidade de oferecer a cada um chances de se tornar engenheiro, médico ou historiador. Em nome dessa "abertura", *condena-se a maioria a adquirir saberes " a perder de vista ", " para se um dia... "* (PERRENOUD, 1999a, s/p grifos nosso)

Ou seja, para o autor, os conhecimentos são transmitidos pela escola sem a certeza de sua utilidade no futuro, busca-se abranger nos currículos um grande uma parte dos conhecimentos produzidos, com o intuito de ampliar as possibilidades de escolhas, principalmente profissionais futuras, e isso leva a um ensino “conteudista”, centrado na transmissão de conhecimentos com pouca relevância na vida da maior parte dos estudantes.

Segundo Perrenoud (1999b) são saberes descontextualizados e com quase nenhuma possibilidade de aplicação prática cotidiana, a não ser para aqueles que têm a possibilidade de aprofundar os conhecimentos em longos estudos. Perrenoud (1999b) afirma:

[...] aqueles que tiverem estudado biologia na escola obrigatória ficarão expostos à transmissão da AIDS; aqueles que estudaram física sem ir além da escola continuarão sem compreender as tecnologias que os cercam; aqueles que estudaram geografia ainda terão dificuldade para ler um mapa ou para localizar o Afeganistão; aqueles que aprenderam geometria não saberão desenhar um plano em escala; aqueles que passaram horas aprendendo línguas continuarão incapazes de indicar o caminho a um turista estrangeiro (PERRENOUD, 1999b, s/p)

Segundo o autor são anos desperdiçados na educação formal, com aprendizagens pouco significativas. Deste modo, o autor se posiciona contrário a este modelo de escola e de educação. Este afirma: “[...] é essa fatalidade que a abordagem por competências questiona, *em nome dos interesses da grande maioria*” (PERRENOUD, 1999b, s/p grifos nosso). Quando este diz a “grande maioria” sabemos muito bem quem são: os pobres e trabalhadores, que pelas condições sociais e econômicas materiais em que vivem não tem outro caminho para a sobrevivência a não ser ingressar tanto antes quanto for possível no mercado de trabalho, ou a desenvolver formas de trabalho autônomo, considerando que não há empregos para todos. Contudo, como a pedagogia das competências é uma abordagem pensada para os pobres (já que o autor afirma agir em interesse da grande maioria) em seu contexto social, - portanto, levando em conta a articulação da escola com a sociedade, e as

características atuais desta última, de instabilidade e constantes transformações - a pedagogia das competências auxilia na criação de estratégias para a superação dessas situações, promovendo um ensino flexível e que valorize as habilidades e capacidades de adaptação dos sujeitos as constantes mudanças, sendo um exemplo apontado por Perrenoud (2000, apud. GENTILE & BENCINI, 2000, s/p) de competência útil para o trabalhador, o “[...] saber desenvolver estratégias para manter o emprego em situações de reestruturação de uma empresa”. Nas palavras de Perrenoud (1999a, s/p) “[...] agirem uma sociedade mutante e complexa é, antes, entender, antecipar, avaliar, enfrentar a realidade com ferramentas intelectuais”. Em entrevista realizada por Paola Gentile e Roberta Bencini, Perrenoud afirma que

Durante a escolaridade básica, aprende-se a ler, a escrever, a contar, mas também a raciocinar, explicar, resumir, observar, comparar, desenhar e dúzias de outras capacidades gerais. Assimila-se conhecimentos disciplinares, como matemática, história, ciências, geografia etc. Mas a escola não tem a preocupação de ligar esses recursos a certas situações da vida (PERRENOUD, 2000 apud GENTILE & BENCINI, 2000, s/p)

Este argumenta que a crítica de que trabalhar em cima de competências é virar as costas para o conhecimento é totalmente infundada, uma vez que é impossível o desenvolvimento de competências sem o conhecimento (PERRENOUD, 1999a; 1999b). Contudo, o mesmo atesta que de nada adianta transmitir os vários conhecimentos se o indivíduo não possui as competências necessárias para mobiliza-los em situações problemáticas. Ele exemplifica:

Embora conhecedor do Direito, a competência do advogado ultrapassa essa erudição, pois não lhe basta conhecer todos os textos para levar a bom termo o assunto do momento. Sua competência consiste em pôr em relação seu conhecimento do direito, da jurisprudência, dos processos e de uma representação do problema a resolver, fazendo uso de um raciocínio e de uma intuição propriamente jurídicos (PERRENOUD, 1999a, s/p).

Ou seja, as competências demandam determinados conhecimentos, que são solicitados de acordo com o contexto e situação na qual a problemática se desenrola. Uma pessoa competente consegue resolver a situação de forma adequada e eficiente. Tornando-se evidente, que o ensino a partir de competências percebe e utiliza o conhecimento como um meio, um instrumento mobilizado para a realização de uma tarefa ou problemática.

Perrenoud (1999a) parte da perspectiva de que as competências não são inatas ou pré-determinadas, estas são construídas progressivamente - percepção que difere de uma visão espontaneísta, ou da compreensão desta como uma capacidade que acompanha o processo de

maturação - sendo seu desenvolvimento particular e diferenciado em cada indivíduo³. Para Perrenoud (1999a, s/p) “[...] as competências, no sentido que será aqui utilizado, são aquisições, aprendizados construídos, e não virtualidades da espécie”, sendo, portanto, necessário para sua ampliação a organização de um ambiente estimulante. Este declara:

[...] tal abordagem convida-os a considerar os conhecimentos como ferramentas a serem mobilizadas conforme as necessidades⁴, a trabalhar regularmente com situações problema, a criar ou utilizar outros meios de ensino, a negociar e conduzir projetos com seus alunos, a adotar um planejamento flexível e indicativo, a improvisar, a implementar e explicitar um novo contrato didático, a praticar uma avaliação formadora, em uma situação de trabalho, a alcançar uma compartimentação disciplinar menor” (PERRENOUD, 1999a, s/p).

Assim, uma pedagogia pautada no desenvolvimento de competências, propõe um ambiente ativo e flexivo nas escolas, que induza a práticas que coloquem os alunos em posição ativa em seu processo de aprendizagem, a partir do enfrentamento de situações problemas, como expresso por Boterf (2003; PERRENOUD, 2000, 2001, 2005, apud DIAS, 2010, p. 74) a competência “[...] manifesta-se na acção ajustada diante de situações complexas, imprevisíveis, mutáveis e sempre singulares”, uma vez que estas se desenvolvem a partir da experiência de cada um.

De acordo com Dias (2010) o trabalho pedagógico a partir da pedagogia das competências, altera-se tanto o papel do aluno como do professor no processo de ensino-aprendizagem. O aluno deve-se envolver de modo mais ativo e entusiasmado. Segundo Perrenoud (2001; 2005 apud DIAS. 2010, p. 76), o docente “[...] transforma-se num fiador de saberes, num organizador de aprendizagens, num incentivador de projectos, num gestor da heterogeneidade, num regulador de percursos formativos”.

Perrenoud (1999a, s/p) afirma que “[...] construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes. Assim, faz parte do processo de construção de uma competência tanto a mobilização de determinados conhecimentos como a elaboração de certos esquemas, que serão tanto mais elaborado quanto mais complexas forem as atividades ou situações problemas enfrentadas (PERRENOUD, 1999a), por isso há a necessidade das escolas promoverem um ambiente ativo e problematizador.

³Isto, implica também na forma de perceber o conhecimento. Segundo Duarte (2001) o raciocínio que se emprega para a questão do conhecimento a partir da perspectiva do aprender a aprender, logo, da pedagogia das competências, não é se o conhecimento é verdadeiro ou não, a questão que se apresenta é se este é útil ou não, expressão da vertente neoconstrutivista e neopragmatista que dão base para a pedagogia das competências, e que a aproxima da perspectiva pós-moderna.

⁴Concepção que reforça a desvalorização dos conhecimentos científicos, uma vez que o secundariza, tornando-os ferramentas para o desenvolvimento competências.

Segundo Perrenoud (1999a, s/p) “[...] só há competência estabilizada quando a mobilização dos conhecimentos supera o tatear reflexivo ao alcance de cada um e aciona esquemas constituídos”, ou seja, quando o sujeito possui autonomia e controle sobre seu ato e sobre os esquemas organizados, de modo que sua reação seja automática.

O autor fazendo referencia a noção de esquemas presente na obra de Piaget, afirma que os esquemas embora casualmente sejam associados aos hábitos, não podem ser interpretados desse modo. Este afirma, que os hábitos podem ser entendidos como simples e rígidos esquemas, porém nem todos esquemas são hábitos. Na concepção piagetiana “o esquema, como estrutura invariante de uma operação ou de uma ação, não condena a uma repetição idêntica. Ao contrário, permite, por meio de acomodações menores, enfrentar uma variedade de situações de estrutura igual” (VERGNAUD, 1990, 1994, apud PERRENOUD, 1999a, s/p). Ou seja, não são todas situações iguais e não são os esquemas sempre mobilizados da mesma forma, a estes são agregados continuamente novas funções e possibilidades, e os esquemas sempre vão agir no sentido de uma ação mais eficiente, combinando os processos de assimilação e acomodação das novas experiências. Sendo, portanto, os esquemas uma ferramenta flexível (PERRENOUD, 1999a).

Vergnaud (1990, 1994, apud PERRENOUD, 1999a, s/p) torna mais compreensível a ideia de um esquema através de um exemplo de um, este afirma: “‘Desmarcar-se’, em um campo de futebol, é um esquema no qual, independentemente da configuração do jogo e do campo, o jogador consegue fazer-se esquecer pelos designados para ‘marcá-lo’ e achar a falha no dispositivo do adversário”.

Os esquemas são adquiridos principalmente pela prática, contudo, estes necessitam também do conhecimento teórico, segundo Perrenoud (1999a) os “[...] esquemas permitem-nos mobilizar conhecimentos, métodos, informações e regras para enfrentar uma situação, pois tal mobilização exige uma série de operações mentais de alto nível”. Contudo, esquemas e competências são diferentes, na realização de uma competência requer a formulação vários esquemas, dependendo da complexidade da situação. Assim, as competências seriam as responsáveis por "orquestrar" o conjunto de esquemas. De acordo com Perrenoud (1999a)

Um esquema é uma totalidade constituída, que sustenta uma ação ou operação única, enquanto uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca da informações pertinentes, formação de uma decisão, etc. (s/p).

Assim, a organização de esquemas compõe o processo de formação das competências. Conforme Perrenoud (1999a, s/p) um sua construção “uma competência passa por raciocínios explícitos, decisões conscientes, inferências e hesitações, ensaios e erros”. Esse processo pode se automatizar à medida que o sujeito for incorporando novas experiências, resultando na tomada de decisões mais rápidas e eficientes, a partir da formação do que Piaget chama de "inconsciente prático" (PERRENOUD, 1999a, s/p).

Deste modo, é coerente afirmar que a pedagogia das competências foca sua atenção mais na questão do “aprender a aprender”, na capacidade de mobilizar conhecimentos, no desenvolvimento de esquemas e raciocínio rápido, levando a uma postura mais prática e eficiente diante dos diversos problemas. E mais que isso, ao treinar as competências possibilita até mesmo a preparação para problemas futuros. Sendo, deste modo, adequada a afirmação de Costa (2004 apud DIAS, 2010, p. 74):

Uma abordagem por competências enaltece o que o discente aprende por si, o aprender a aprender, a construção pessoal do saber através da interação. Enaltece o conhecimento enquanto instrumento de aquisição de competências, elogia os conteúdos enquanto meios possibilitadores de desenvolvimento de competências. Valoriza o método pedagógico e a aprendizagem, superando a dicotomia teoria-prática e enraizando os valores educativos da escola do século XXI.

São valores que vão ao encontro dos posicionamentos valorativos citados por Duarte (2001a; 2001b), presentes nas Pedagogias do Aprender a Aprender, apresentados anteriormente. E como expresso por Perrenoud (1999a; 1999b; PERRENOUD, 2000 apud GENTILE & BENCINI, 2000, s/p) mais do que assimilar montanhas de conhecimentos, com fim em si mesmo, é necessário que as escolas foquem naqueles conhecimentos que são essenciais, e mais que isso, é necessário que os alunos desenvolvam competências para conseguir mobilizar estes conhecimentos em situações práticas de forma eficiente. É nesse sentido que Ramos (2001; 2003; 2006) afirma que sob a lógica da pedagogia das competências os conhecimentos são limitados a um recorte extremamente instrumental, afastando-se da formação e atrelando-se as "tarefas e desempenhos específicos, prescritos e observáveis" (RAMOS, 2003, p. 98). Perspectiva apontada pelo próprio Perrenoud (1999a, s/p):

A formação de competências exige uma pequena "revolução cultural" para passar de uma lógica do ensino para uma lógica do treinamento (coaching), baseada em um postulado relativamente simples: constroem-se as competências exercitando-se em situações complexas.

Nessa perspectiva, o conhecimento se transforma em simples ferramenta para a resolução de problemas, insumo para as competências, um meio para suprir as necessidades de adaptação às demandas sociais na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaria de enfatizar que este trabalho possui uma dimensão muito pequena em comparação com a complexidade da temática. Buscamos focar em informações que pudessem contribuir para o entendimento da pedagogia das competências em sua dimensão psicológica. Partimos da ideia que a pedagogia das competências integra de um grupo maior de teorias, aquelas denominadas por Newton Duarte de “Teorias do Aprender a Aprender”, como declarado anteriormente.

Um dos discursos que domina quanto à adoção do modelo de competências, é a superação da distância entre teoria e prática, uma vez que a pedagogia das competências enfatiza o ensinamento dos conhecimentos “essenciais”, declarando a necessidade de o aluno aprender a mobilizar os conhecimentos adquiridos afirmando que assim, “o problema histórico das escolas” será resolvido. É uma tendência, que nega a ideia da transmissão do conhecimento, enfatizando que mais do que assimilar conhecimentos (que não serão úteis na vida da maioria dos alunos) a escola deveria focar no desenvolvimento de competências fundamentais para a vida, o que desloca a função da escola e do conhecimento, tornando-o simples ferramenta, um recurso para o desenvolvimento das competências.

E ainda, mais do que aprender a pedagogia das competências enfatiza a necessidade do aprender a aprender, a capacidade de mobilizar os conhecimentos quando necessário, a potencialidade do indivíduo apresentar uma resposta rápida e eficiente em momentos problemáticos, ensina a ser proativo, a evitar conflitos, a antecipar a avaliar de modo sensato.

Deste modo, compreendemos que a pedagogia das competências contribui para constituição da escola muito mais como uma ferramenta social para o adestramento dos alunos, do que para formação humana.

REFERÊNCIAS

DIAS, I. S. Competências em educação: conceito e significado pedagógico. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 2010.

DUARTE, N. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001a.

DUARTE, N. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L. M.; DUARTE, N. *Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DUARTE, N. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n. 18, p. 35-40, 2001b.

PERRENOUD, P. *Construir competências desde a escola*. Tradução. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999a.

GENTILE, P.; BENCINI, R. Construindo competências. Entrevista com Philippe Perrenoud, Universidade de Genebra, *Nova Escola*, 2000. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/construindo%20competencias%20-%20In%20Nova%20Escola.pdf>> Acesso: 20/01/2018.

PERRENOUD, P. Construir competências é viras as costas aos saberes? *Pátio. Revista Pedagógica*, 1999. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/29108-29126-1-PB.pdf>> Acesso: 20/01/2018.

RAMOS, M. N. É possível uma pedagogia das competências contra-hegemônica? Relações entre pedagogia das competências, construtivismo e neopragmatismo. *Trabalho, Educação e Saúde*, 2003.

RAMOS, M. N. *A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?* São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, M. N. Qualificação, competências e certificação: visão educacional. *Formação, Brasília*, v. 1, n. 2, p. 17-26, 2001.

SAVIANI, D. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.